

## CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



# Tem alguém aí?

**C**heguei para uma reunião de trabalho um pouco antes do horário combinado e a secretária da autoridade pôs uma caixinha de madeira sobre a mesa, e avisou: é para deixar o telefone quando entrar. Na hora não entendi, mas um companheiro mais escolado me socorreu. “É para evitar grampo”, disse. “Medo de ser gravado”.

Eu sempre penso em mim como um sujeito de confiança. É uma das minhas raras virtudes, acho eu. Só falo mal de pessoas que merecem espinhação. Mas na antessala daquele gabinete, a autoridade deixava claro que não confiava em mim; mas antes que eu começasse a ficar amuado, fui me lembrando que na verdade eu sou suspeito.

Afinal, só um suspeito é vigiado 24 horas por dia, sete dias por semana, como acontece comigo. Não há um lugar em que eu vá que não tenha uma câmera acompanhando meus movimentos e agora sei como se sentia Ubaldo, o Paranoico, personagem das tirinhas do Henfil, que tinha certeza que estava sendo vigiado.

Encerrado o assunto com a autoridade, não resisti a um chiste quando ele perguntou se eu havia entendido a nossa conversa. “Está tudo gravado”, eu disse. Antes que ele tivesse um sobressalto, apontei para a cabeça. “Aqui”. Deixei escapar um sorriso, mas ele não pareceu entender. Depois me caiu a ficha: eu não

havia gravado nada, mas não tinha tanta certeza de não ter sido gravado por alguma câmera escondida.

Saindo dali fui à farmácia depois de ter passado por uns três pardais de trânsito; lá dentro havia o cartaz — “Sorria, você está sendo filmado”. Embora o cartaz estivesse escondido atrás de uma estante, pelo menos era um aviso. No supermercado não vi aviso, mas tinha câmera; até ajeitei a camisa dentro da calça.

O fato é que dá saudade dos tempos em que as únicas câmeras escondidas eram as dos programas de televisão que mostram pegadinhas, para flagrar incautos em situações constrangedoras. Hoje todo mundo é um potencial espião — e ao mesmo tempo está sendo vigiado — como aquele velho quadrinho da revista *Mad: Spy vs. Spy*.

Na Feira do Paraguai tem botão de camisa que grava até duas horas de vídeo de boa qualidade, microfone disfarçado de brochinho e ligado a um gravador fica nas costas ou no bolso, captadores de som do tamanho de uma



unha que pode ser deixado num canto da sala e transmitir para um gravador colocado fora do ambiente, relógio que filma sem atrasar as horas e mais um bocado de tralha para vigiar a vida alheia.

No mundo virtual é pior. Consultar ou comprar pelo

computador equivale a entregar um pouquinho da nossa alma. Comprei o livro *Trinta segundos sem pensar no medo*, de Pedro Pacífico, e no mesmo momento em que fechava a conta, me ofereceram cinco outros livros que

“poderiam interessar” a mim. Estou fichado. No fim, resta um consolo: pode ser que eu não me conheça direito, mas o computador da Amazon sabe exatamente quem sou e o que quero. É o meu analista.